

**OS ESPAÇOS RESIDENCIAIS FECHADOS E O MEDO: UMA ANÁLISE DA
CIDADE DE MONTES CLAROS (MG)**

**THE CLOSED RESIDENTIAL SPACES AND FEAR: AN ANALYSIS OF THE
CITY OF MONTES CLAROS (MG)**

Ramony Pereira Batista¹
Carlos De Alexandre Bortolo²
Eric Jader Azevedo Costa³

Resumo: O presente trabalho discute a cidade de Montes Claros (MG) a partir do dinamismo dos espaços urbanos, por meio das formas de morar e da produção social destes espaços. Pontua-se que, num contexto capitalista, tanto a cidade como a moradia tornam-se mercadorias, sendo parceladas e comercializadas. Deste modo, apesar de serem produzidas socialmente, são apropriadas de forma individual, conforme o poder aquisitivo, propiciando a formação de áreas residenciais diferenciadas e segregadas social e espacialmente. Os Espaços Residenciais Fechados (ERF) são, neste cenário, a materialização da segregação e a forma ideal de moradia. O aumento no número de empreendimentos é também relacionado à disseminação da ideia de insegurança urbana e do medo. Assim, a paisagem urbana é marcada pela presença de muros, indicativos de segurança e de separação socioespacial, favorecendo o convívio entre os iguais. Diante do cenário apresentado, buscou-se compreender a formação dos ERF's, na cidade citada, como produto da cidade-mercadoria e da propaganda da insegurança urbana e do medo; para tal análise ancorou-se na revisão bibliográfica e na coleta de dados - que possibilitaram o mapeamento apresentado.

Palavras-chave: Cidade; Espaços Residenciais Fechados; Medo; Montes Claros.

Abstract: The present work discusses the city of Montes Claros (MG) from the dynamism of urban spaces, through the ways of living and the social production of these spaces. It is pointed out that, in a capitalist context, both the city and the dwelling become commodities, being parceled out and marketed. In this way, despite being socially produced, they are individually appropriated, according to the purchasing power, providing the formation of residential areas that are differentiated and segregated socially and spatially. The Closed Residential Spaces (CRS) are, in this scenario, the materialization of segregation and the ideal

¹ Mestre em Geografia – Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes/ramonybatista2712@gmail.com.

² Doutor em Geografia, Professor da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes/bortologeo@yahoo.com.br.

³ Licenciado em Filosofia – Instituto de Ciências Sociais e Humanas/ Centro de Ensino Superior do Brasil – CESB/jadereric@gmail.com.

form of housing. The increase in the number of enterprises is also related to the dissemination of the idea of urban insecurity and fear. Thus, the urban landscape is marked by the presence of walls, indicative of security and socio-spatial separation, favoring the conviviality among equals. In view of the presented scenario, we tried to understand the formation of the CRS's, in the city mentioned, as a product of the city-merchandise and the propaganda of urban insecurity and fear; for this analysis was anchored in the bibliographic review and in the data collection - that made possible the mapping presented.

Keywords: City; Closed Residential Spaces; Fear; Montes Claros.

Introdução

A cidade e o urbano não são fenômenos e formas recentes, porém ao longo da história assumem singularidades e “importância” diferenciadas, sendo no capitalismo o centro da vida social e econômica. Entendendo a cidade como construção socioeconômica e histórica e como a materialização do processo urbano, expressa em sua paisagem as características sociais, culturais e econômicas dos indivíduos que a produzem, elas são também, o resultado cumulativo de todas as cidades antes, nesse contexto espaço é história (SPOSITO, 2001).

A adoção do sistema capitalista modificou a forma como a cidade é produzida e a maneira como ela é apropriada por cada indivíduo. Ressalta-se que o capitalismo favoreceu a expansão das áreas urbanas, à medida que proporcionou a aglomeração de pessoas, facilitada pelos avanços nos transportes, nas trocas comerciais e nas tecnologias de informação. Entretanto, as cidades não ficaram imunes às suas contradições, conflitos e desigualdades.

A construção capitalista da cidade é direcionada pelos interesses do capital e dos atores urbanos, como o Estado, o mercado imobiliário e os grupos sociais, pontua-se que esse jogo engloba interesses diferentes, por vezes conflitantes, porém existe a supremacia do lucro. É neste contexto que a malha urbana se espalha, sendo loteada e comercializada em parcelas, na qual o valor de troca sobrepõe ao valor de uso.

Na cidade-mercadoria tudo se transforma em produto a ser vendido, sendo assim a moradia urbana, também se torna uma mercadoria e o acesso a ela é mediado pela capacidade de solvência de cada indivíduo, dando origem a diferentes formas de residir, como os aglomerados subnormais, os conjuntos habitacionais e os Enclaves Fortificados.

Para Caldeira (2000) os enclaves fortificados⁴ são frutos da reestruturação urbana, dos interesses do mercado imobiliário e da sensação de insegurança propagada pela mídia. Dessa forma o mercado alia-se a mídia na propagação da criminalidade urbana, provocando o aumento do medo e a sensação de insegurança, e propõe uma nova forma de morar, que tem como “carro chefe” a segurança.

Salienta-se que, salvaguardando as rugosidades de cada cidade, as contradições e desigualdades, a sua condição de mercadoria e suas consequências podem ser observadas na maioria das áreas urbanas, como é o caso da cidade de Montes Claros. É a partir da realidade desta cidade, que o presente trabalho objetiva compreender a dinâmica dos condomínios fechados, como ideal de moradia e o medo do outro, expressos pelos seus muros; além de analisar estas formas de moradia como resultado da apropriação desigual da cidade, a ideia de insegurança e os estigmas socioespaciais urbanos. Perante os objetivos propostos, estabeleceu-se como metodologia inicial a revisão bibliográfica e posteriormente à coleta de dados na Prefeitura Municipal de Montes Claros – PPMC -, referente ao lançamento, superfície de área e demais características dos Espaços Residenciais Fechados – ERF’s. Os valores de solo urbano foram buscados em seguida, junto às imobiliárias e os números de ocorrência de crime contra o patrimônio, no Centro Integrado de Defesa Social – CINDS. Após a coleta os dados foram separados e tabulados por Área de Ponderação⁵ no *software Excel*.

Para a geração dos produtos cartográficos, exportou-se a base cartográfica das Áreas de Ponderação para o *ArcGis 10.2*, em seguida foram inseridos os dados tabulados e separados para a tabela de atributos do *software*, possibilitando a criação de novos *layers* (camadas) para as médias de ocorrência de crimes contra o patrimônio e os valores do metro quadrado do solo urbano.

⁴ Neste trabalho enclaves fortificados, condomínio fechado e espaços residenciais fechados serão tratados como sinônimos e como a forma de residir dos indivíduos com maior poder aquisitivo.

⁵ As Áreas de Ponderação é uma divisão intraurbana proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE-, são unidades geográficas constituídas a partir do agrupamento de setores censitários contíguos para produção de informações; são definidas a partir do número de domicílios permanentes e moradores, sendo estabelecidas para municípios com população superior a 190 mil habitantes e cada área é composta por no mínimo 400 domicílios. Salienta-se que estas áreas apresentam heterogeneidades internas significativas, tendo em vista os critérios adotados para sua delimitação, como localização geográfica, negligenciando aspectos rendas e características socioculturais.

Assim, considera-se que a cidade-mercadoria é produzida coletivamente, porém é apropriada individualmente, tendo como condição a renda dos indivíduos, resultando em cidades desiguais e segregadas. A ideia de criminalidade associada à pobreza e as áreas de moradias destinadas àqueles com menor renda reforçam o medo do outro e favorece a criação de produtos imobiliários que tem no muro, nas guaritas e câmeras a segurança, pois “muro-adentro”, somente, aqueles tidos como “iguais”, a pluralidade cidadina e a pobreza ficam reservadas para aqueles que estão fora dos muros.

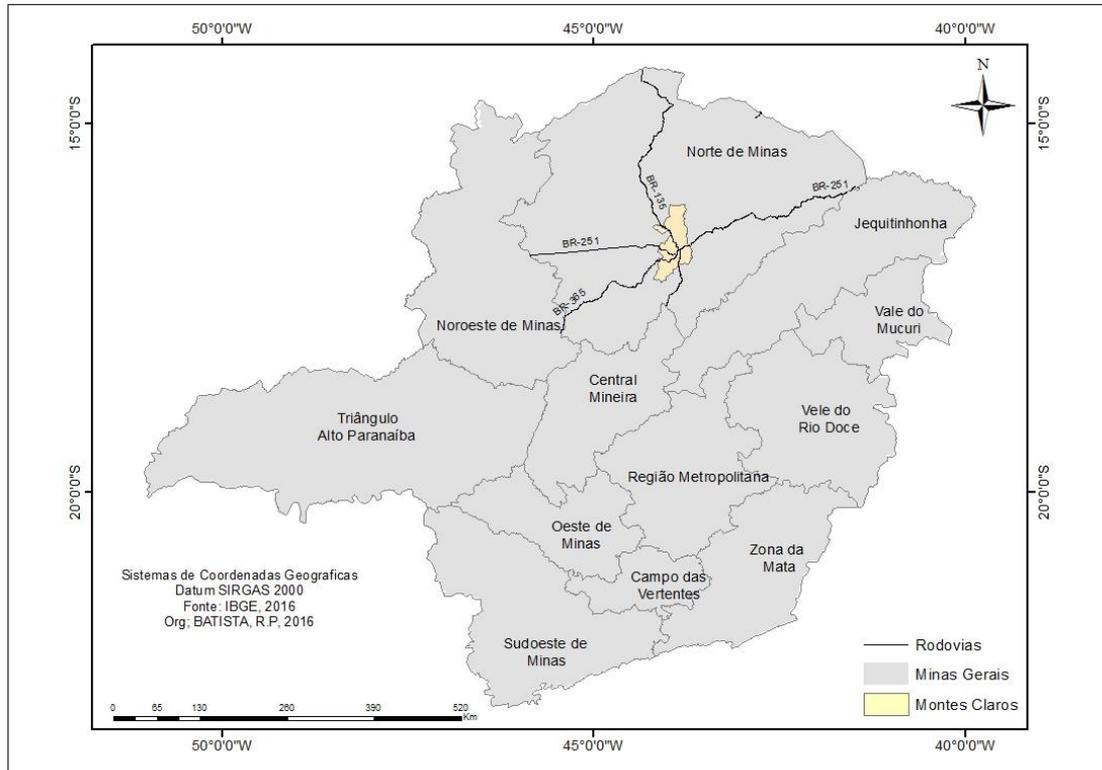
Os condomínios Fechados: apropriação desigual da cidade

A cidade é produzida coletivamente, porém, como dito anteriormente, é apropriada de modo individual e conforme a renda, gerando espaços diferenciados e segregados, especialmente, referente aos espaços residenciais. Tal fato é evidente no processo de expansão das áreas urbanas. Estas apresentam características semelhantes e processos comuns como a segregação socioespacial, porém, também é possível observar as rugosidades desses processos em cada realidade urbana e regional.

A expansão da cidade de Montes Claros⁶ é impulsionada por sua inserção na área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE-, na década de 1960. Os investimentos oriundos da SUDENE foram, em sua grande maioria, direcionados para a formação de um parque industrial diversificado e complexo, esse cenário unido às mudanças ocorridas no campo, como a modernização da produção e as secas periódicas e prolongadas, fomentaram a migração campo-cidade e urbano-urbana, e conseqüente espraiamento do tecido. Nesse contexto, Montes Claros ratifica sua posição de polo regional, estabelecendo novas relações com sua hinterlândia. O mapa 01 mostra a localização do município de Montes Claros, na porção norte do estado de Minas Gerais.

⁶ Acerca da expansão urbana e caracterização da cidade Montes Claros, vide Pereira (2007), Leite (2006), França (2006), Batista (2017).

Mapa 01: Localização do Município de Montes Claros na Mesorregião do Norte de Minas Gerais



Fonte: IBGE (2010).
Org. BATISTA (2016).

Por meio do mapa 01, pode-se inferir a localização privilegiada de Montes Claros, sendo um importante entroncamento rodoviário, fazendo a ligação entre o nordeste e o sudeste do país, favorecendo o escoamento da produção, as relações comerciais nacionais e regionais, propiciando o desenvolvimento da indústria e de outros setores econômicos e a migração, consolidando-se como polo regional.

O crescimento da malha urbana da cidade supracitada é influenciado pelo contexto apresentado; ocorreu de modo rápido e intenso, apresentando um planejamento inadequado e que por vezes, atendeu as prioridades do capital. De acordo com Leite e Pereira (2008), tal crescimento foi caracteristicamente horizontal com a formação de áreas periféricas com infraestrutura ineficiente e com dificuldades de acesso as urbanidades.

Para Batista (2017), a expansão urbana originou áreas periféricas marcadas pela pobreza e com condições precárias de moradia, porém, a partir da reestruturação urbana as

áreas distantes do centro, passam a ser duais, com ricos e pobres residindo lado a lado, pois são estas áreas escolhidas pelo mercado imobiliário para a construção dos empreendimentos destinados aos indivíduos com maior poder aquisitivo, como os espaços residenciais fechados⁷.

Perante esse cenário, Caldeira (2000) e Batista (2017) concordam ao afirmarem que, os enclaves fortificados são a materialização da apropriação desigual das cidades, ou seja, a segregação socioespacial, pois nestes locais a entrada é controlada e pluralidade da cidade é reduzida ao convívio dos iguais. Acerca dessa realidade, a autora define que,

Enclaves fortificados são espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer ou trabalho. Esses espaços encontram no medo da violência uma de suas principais justificativas e vêm atraindo cada vez mais aqueles que preferem abandonar a tradicional esfera pública das ruas para os pobres, os "marginais" e os sem-teto. Enclaves fortificados geram cidades fragmentadas em que é difícil manter os princípios básicos de livre circulação e abertura dos espaços públicos que serviram de fundamento para a estruturação das cidades modernas (CALDEIRA, 1997, p. 155).

Os enclaves fortificados tem inspiração nas *Gated Communities* norte americanos, para Caldeira (2000) apesar de se basearem no mesmo modelo de moradia, no Brasil, os enclaves não tem na “formação de uma comunidade” sua principal propaganda, como em outros países, e sim na segurança, tendo em vista a criminalidade urbana. Nessa direção Lira (2009) considera que o medo da violência é maior que a própria violência, isso é gerado pela ação conjunta do mercado imobiliário e do *marketing* que ao “divulgarem” a cidade aberta como perigosa e local de crime, promovem os enclaves como forma ideal e segura para morar.

Os condomínios fechados no atual contexto urbano representa a segurança e o convívio em comunidade de iguais, evitando aqueles que são diferentes, e para Lira (2009) são identificados e relacionados a ação violenta, assim, tem-se uma associação direta entre pobreza e criminalidade, criando os estigmas socioespaciais.

⁷ Pontua-se, que devido ao êxito destes empreendimentos para a população com maior renda, ocorre o lançamento desta forma de moradia para indivíduos com menor poder aquisitivo, porém, com padrões arquitetônicos e tamanhos diferenciados. Em ambos é possível identificar a propaganda dos condomínios como forma de morar em segurança. Neste trabalho serão abordados, especialmente, aqueles destinados os cidadãos com maior renda.

É preciso destacar que algumas palavras carregam em si mais que o seu significado, mas emoções e afeto, como exemplo cita-se “comunidade”. A comunidade é o local do aconchego e do conforto, da identificação e da segurança. Nessa analogia apontamos que, o fato dos indivíduos se agruparem e residirem em condomínios e formarem uma “comunidade” tem nessas sensações um fator motivacional. Este é conseqüentemente usado pela mídia para que os empreendimentos imobiliários “ganhem ares” de comunidade e levam a uma rápida identificação e sensação de segurança (BAUMAN, 2009).

Os espaços residenciais fechados e o medo do outro

Bauman aponta que “nos últimos anos [...] a forte tendência de sentir medo e a obsessão maníaca por segurança fizeram a mais espetacular das carreiras” (BAUMAN, 2009, p. 13). Para, contudo, entender o porquê do crescente medo e suas implicações socioespaciais tem-se que considerar o conceito do próprio termo. Segundo o dicionário Aurélio de língua portuguesa, medo é um “estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários” (FERREIRA, 1999).

O medo é, então, fruto de uma insegurança pelo não domínio das reações do outro, mediante uma inadequação entre as normas e a práxis destas, seja “na família, no Estado e [ou] na sociedade” (FREUD, 2011, p. 30). Ou, como Castel (2005) afirma, não é a perda da segurança que incomoda ao homem contemporâneo, antes, é a nebulosidade do objetivo desta segurança. Bauman, por sua vez, constata que “a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos” (BAUMAN, 2009, p. 14). Assim, compreende-se que a insegurança que essa nebulosidade gera afeta não somente o indivíduo, como o leva a se reorganizar social e espacialmente.

Quanto ao primeiro aspecto, o social, tem-se, como aponta Castel (2005), o individualismo como principal marca. Não há confiança no outro, pois não consigo ver por entre a neblina de seus objetivos. Os indivíduos fecham-se, então, em suas próprias vidas, isolando-se do diferente, isto porque “a insegurança e a idéia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade” (BAUMAN, 2009, p.14). Lipovetsky afirma que esta individualização gera um deserto dentro do nosso cotidiano. Isto porque a contemporaneidade

é marcada “pela inconsistência indiferente em que se efetuam as operações sociais” (LIPOVETSKY, 2005, p. 19).

Esta inconsistência de que fala Lipovetsky é também fruto do que Bauman chama de supervalorização do indivíduo e leva ao que ele denomina “fragilidade e vulnerabilidade sem precedentes” (BAUMAN, 2009, p. 15), advindos da ausência da proteção que os vínculos sociais provinham. Com a queda destes antigos vínculos e a fragilidade dos novos, o segundo aspecto floresce como manifestação física da organização social, o nebuloso medo dá lugar para os concretos muros.

Os muros sempre foram modos de separar o diferente (até então visto como inimigo) daqueles que dispunham de meios de conviver com os “iguais”. Se engana quem acredita que ambiente isolados por altos muros, discriminatórios por medo do outro são invenções atuais. Desde os gregos antigos já se via a segregação dentro das cidades, principalmente entre os cidadãos e os estrangeiros, como descreve Homero ao narrar na *Ilíada* os famosos muros de Tróia. Mais adiante, na história ocidental, o medieval foi marcado pelas muralhas em torno dos castelos, onde se abrigavam suseranos e vassallos.

Hoje, o medo não vem mais do ataque de povos externos, mas da violência interna. “Es el miedo del hombre metropolitano de poder ser agredido en su persona y en sus bienes, en cualquier parte y en cualquier momento” (AMARAL, 2010, p. 316). Cai-se, então, em um ciclo vicioso, onde surgem cada vez mais propostas para segurança de um lado e uma realidade insegura do outro. Apoiado nesta insegurança, somado a um contexto capitalista hodierno, onde tudo pode ser convertido em lucro, a mídia dissemina o medo urbano ao mesclar aquilo que é violência real com o que Amaral (2010) denominou violência representada. Assim, a mídia transforma o medo em muros.

Poder-se-á perguntar sobre como a mídia gera a violência representada. Amaral (2010) apresenta como meios de veiculação deste medo pelas lendas urbanas, crônicas, notícias sensacionalistas. Apenas em pequena parcela o medo é fomentado por experiências pessoais. Manipulados pelos *mass medias*, o cidadão absorve para sua realidade a necessidade de segurança, edificando “mini fortalezas” blindadas. Ainda sim, os novos laços de que fala Bauman (2009), impulsionam, aos que podem financiar, áreas de relativa convivência com os “iguais”, isto é, com os de condições financeiras semelhantes. Formam assim agrupamentos

seguros, ou condomínios, onde com os iguais não há muros, mas para os diferentes, têm-se verdadeiras muralhas, câmeras de vigilância e cercas elétricas.

Nesse panorama, Lira (200), pontua que ao se isolarem os indivíduos mantém a violência urbana, tendo em vista, que esta é baseada na desigualdade social e econômica presentes nas cidades, sendo assim, uma endemia social, ou seja, na busca pela segurança individual negligencia-se as causas da violência urbana: a desigualdade, cidades marcadas por conflitos e contradições no acesso as urbanidades e nos espaços de moradia.

Lira (2009, p.123) afirma que,

Nesse sentido, constata-se que, nas últimas décadas, o *medo social* vem influenciando a consolidação de um novo padrão de desenho arquitetônico da cidade. Espaços privados incorporam uma série de elementos em suas formas, a saber, muros altos, grades, guaritas, cercas elétricas, torres, alarmes, circuito de vídeo-monitoramento, entre outros. Isso torna-se explicitamente perceptível em bairros ocupados por camadas sociais mais privilegiadas e, principalmente, em *espaços residenciais*. Não que outros espaços, como ambientes comerciais, estejam isentos das representações da *arquitetura do medo*, mas são as casas e condomínios que adotam com vigor os elementos da arquitetura do medo.

Arquitetura do medo, que marca a paisagem urbana com muros, cercas elétricas e guaritas estão presentes tanto nas grandes aglomerações urbanas como em cidades médias, como Montes Claros, deixando evidente o papel da mídia e do mercado imobiliário, pois os condomínios fechados são implementados em realidades distintas sob o “discurso” da violência e da insegurança.

O panorama dos Espaços Residenciais Fechados em Montes Claros (MG)

As cidades brasileiras têm sido organizadas e produzidas baseadas em processos desiguais e contraditórios como a segregação, essa deve ser olhada para além das formas, mas no interior das causas que as produzem. Vende-se cada dia mais, a ideia da insegurança urbana e as casas são construídas a partir da “estética do medo”, percebida nos muros, cercas e equipamentos de segurança. Nesse cenário é preciso considerar ainda a desconfiança com aqueles que não pertencem ao mesmo grupo social.

Assim, os Espaços Residenciais Fechados estão presentes nas cidades brasileiras, materializando a segregação socioespacial e o lucro da terra urbana. Reafirma-se a urbanização capitalista desdobrada nos processos segregatórios, é possível de serem percebidos nas diferentes realidades urbanas, assim, Montes Claros, não está margem desses processos, sendo observada na paisagem da cidade, a arquitetura da desigualdade e do medo. A partir deste contexto Sposito e Góes (2013, p. 97) consideram que,

A opção pela moradia e espaços residenciais fechados implica a constituição de novos habitats. Esse conceito não se refere especificamente à moradia, mas envolve as relações entre tais espaços e os que os circundam. Tratando-se de espaços residenciais fechados localizados em cidades, a escolha por esses ambientes urbanos controlados por sistemas de segurança provoca uma redefinição das relações de seus moradores com o restante da cidade, de diferentes pontos de vista.

A constituição e a escolha dessas novas formas de morar estão atreladas a violência presente nas cidades e a sua propagação como parte do cotidiano urbano e propiciando ao mercado imobiliário oferecer a moradia segura, aqueles que podem pagar por ela, ampliando os lucros e ratificando a segregação socioespacial.

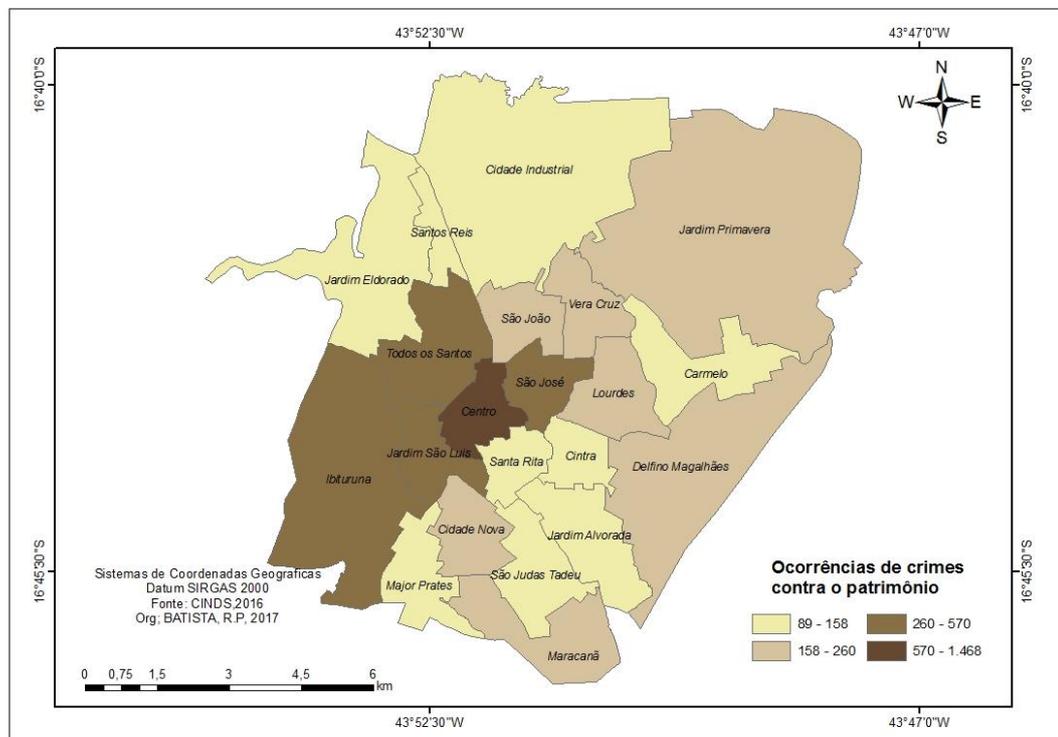
O aumento gradativo da violência nas cidades resulta em diversos problemas e desdobramentos, nesse cenário destacam-se as transformações na organização espacial e a segregação socioespacial, evidenciada pelo aumento na criação dos condomínios fechados, enclaves fortificados que tem como principal ponto de atração a segurança privada. Para Lira (2009, p. 119),

A violência emana dessas contradições e hierarquizações sócio-espaciais geradas pela lógica do desenvolvimento do capital, atingindo todos os estratos da sociedade. Como visto, sua distribuição não ocorre de maneira homogênea pela trama urbana. Ela desdobra-se a partir de nuances ligadas à especificidade geográfica das diferentes zonas da cidade.

A violência urbana surge deste contexto de desigualdade urbana, atingindo os indivíduos de modo diferente, tendo em vista que os crimes cometidos não são os mesmos pelas áreas da cidade, ou seja, na origem da violência urbana está a desigualdade e a segregação comuns na cidade. Observa-se então, que os tipos de crimes variam de acordo

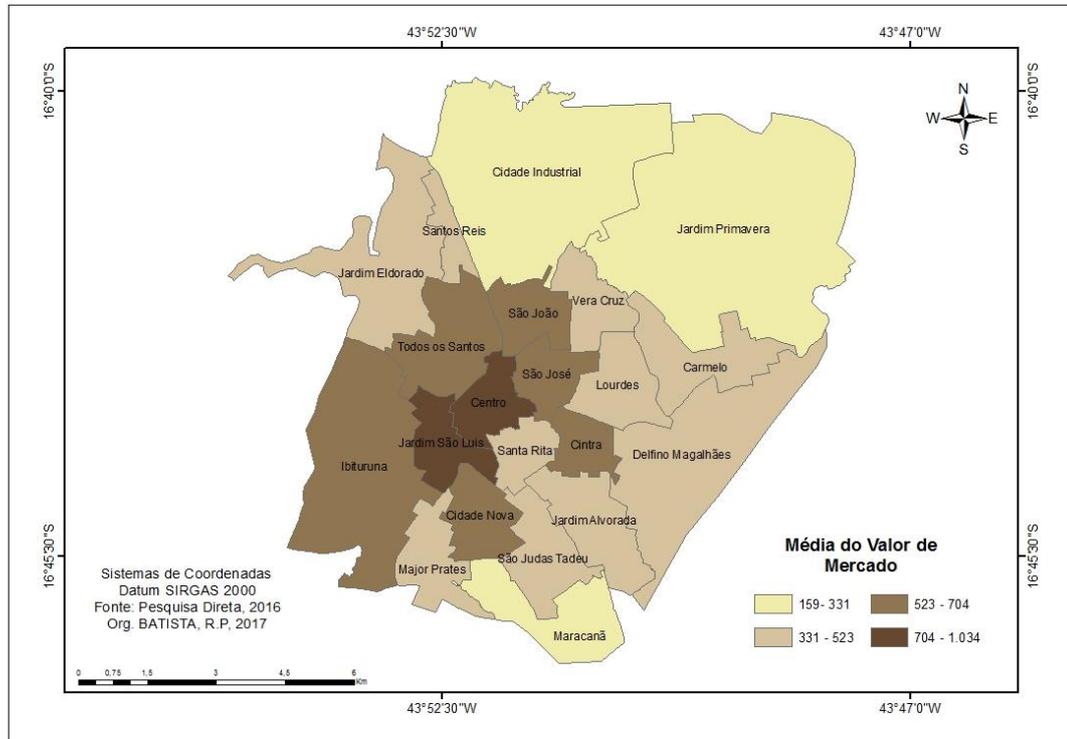
com a localidade urbana, assim, em áreas mais pobres é maior o número de ocorrência de crimes contra a pessoa e em áreas mais ricas, os crimes contra o patrimônio são mais frequentes, ratificando a dualidade na forma de apropriação dos espaços citadinos. Neste contexto, o mapa 02 demonstra a espacialização do número de ocorrências de crime contra o patrimônio, na cidade de Montes Claros nos anos de 2015 e 2016 e o mapa 03 a média dos valores do metro quadrado comercializados na cidade em questão.

Mapa 02: Média dos crimes contra o patrimônio por Área de Ponderação em Montes Claros (MG) – 2015/2016



Fonte: CINDS (2016).
Org. BATISTA (2017).

Mapa 03: Média dos valores de mercado do Metro quadrado em Montes Claros (MG) por Área de Ponderação



Fonte: Pesquisa direta (2016).
Org. BATISTA (2017).

Conforme os mapas 02 e 03 as áreas de maior ocorrência de crimes contra o patrimônio são aquelas que apresentam maior valor de mercado, ou seja, nas áreas onde residem os indivíduos com maior renda, devido ao valor de comercialização do metro quadrado, como pode ser observado nas Áreas de Ponderação do Ibituruna, Todos os Santos e Jardim São Luiz. Essas áreas apresentam os maiores valores de solo urbano (R\$523 – 704,00) e também maior número de ocorrências de crime contra o patrimônio (260 – 570). Nas Áreas de Ponderação do Jardim Eldorado, Delfino Magalhães e Jardim Primavera têm-se o contrario, menores valores de solo urbano e também menores ocorrências deste tipo de crime.

Destaca-se nesse contexto a Área de Ponderação Centro com uso do solo, majoritariamente, para comercio e serviços, situa-se entre as áreas de maior valor de solo e também com maiores ocorrências de crime contra o patrimônio nos anos de 2015 e 2016, ratificando a relação valor de solo e crime e propiciando novos arranjos espaciais para cidade, como a migração das residências dos ricos para áreas periféricas. Ratifica-se, a partir dos

mapas 02 e 03 que a concentração de renda e, conseqüentemente de crimes contra o patrimônio é regionalizada, ou seja, nas regiões a sul e sudoeste possuem maior valor de solo e maior número deste de crime.

Perante esse cenário e como dito *a priori* a unidade entre os interesses do mercado e a divulgação midiática destes crimes promovem os condomínios como forma ideal e segura de moradia, assim, os mais ricos se protegem nos condomínios fechados e não consideram nesse processo os fatores que estão na origem da violência, ou seja, a desigualdade. Esta por sua vez tem seu “confronto” amenizado nos condomínios exclusivos, pois estes, além da segurança privada favorecem o convívio dos “iguais” e o não encontro com o diferente. Na cidade em questão os espaços residências fechados além dos fatores apresentados, são resultados da reestruturação urbana e do surgimento de áreas periféricas duais.

De acordo com Batista (2017), esse tipo de moradia é recente, sendo possível observar, oito espaços residenciais fechados, empreendidos para a população com alto poder aquisitivo, conforme a tabela 01. Ressalta-se que todos os empreendimentos imobiliários estão localizados na Área de Ponderação do Ibituruna, exceto o condomínio *Gran Royale Pirâmide*.

Tabela 01: Montes Claros – síntese dos Espaços Residenciais Fechados (ERF)

ERF	Ano de Lançamento	Área Total do Condomínio (m ²)	Tamanho médio dos lotes (m ²)	Índice de Ocupação (%)	Média do Valor de Mercado do M ²
<i>Gran Royale Pirâmide</i>	2010	827.300,00	_____	_____	500,00
Portal das Acácias	2004	194.795,95	412	95	1000,00
Porta da Aroeira	1994	120.070,78	800	98	1000,00
Portal da Serra	1999	41.740,56	500	97	750
Villa	_____	_____	_____	_____	650,00

<i>Gardens</i>					
Villa Verde	2000	65.926,00	700	52	750,00
Vivenda do Lago	2004	82.423,50	700	—	1000,00
Serra do Mel	2013	110.172,03	500	30	750,00

Fonte: PMMC/Pesquisa Direta
Org. BATISTA, 2017

A tabela 01 ratifica o êxito deste tipo de moradia em Montes Claros, representado não somente pelo aumento no número de empreendimentos, mas no aumento da superfície total, no índice de ocupação e no valor do solo urbano que comparação com os valores de outras Áreas de Ponderação são, significativamente superiores. O sucesso desta forma de morar pode também ser observado no aumento significativo dos empreendimentos destinados a indivíduos com menor capacidade de solvência, estes apresentam características semelhantes, tendo a segurança e o *status* como principal atrativo.

A presença dos ricos e desta forma de morar nas áreas periféricas propiciou a instalação de infraestrutura, de equipamentos de uso coletivo, além de melhorias na mobilidade urbana e nas vias de acesso aos centros comerciais e lazer, conseqüentemente aumentou o valor do solo urbano nestas localidades, demonstrando pelo mapa 03 e pela tabela 01, definindo e restringindo a população que ali iria residir. Tal fato deixa evidente, não somente a apropriação desigual do espaço citadino, mas a atuação do Estado em favor do mercado imobiliário e da manutenção de processos, como a segregação socioespacial.

Os espaços residenciais fechados são a materialização da segregação socioespacial na paisagem urbana, pois refletem a importância da renda nas condições e na escolha de como e onde morar, assim, a casa, não é mais apenas, o local da intimidade, dos laços e da reprodução da vida, mas símbolo da renda e do status. Nesse sentido, Sposito e Góes (2013, p. 42) afirmam que os ERF's são, “[...] considerados por nós como novos habitats urbanos, uma vez que não representam apenas um novo modo de morar, mas sim novas formas de viver e de aprender a cidade e o urbano”.

Reafirma-se que esta nova forma de relacionar e apreender a cidade, não envolve o outro e nem a pluralidade da vida urbana, mas privilegia o convívio entre os iguais, sob o discurso do medo e da violência urbana. Assim, observa-se o surgimento de muros cada vez maiores e os condomínios com entrada controlada, reforçando a fronteira que separa os indivíduos com renda diferente e hierarquiza os lugares e o acesso a eles. Dessa forma, quanto mais se busca a segurança entre os muros, mas aparentemente ela se torna difícil de ser alcançada, sendo necessário reforçar e criar novos aparatos de segurança diariamente.

Para Bauman (2009) a segurança é oferecida a um grupo seletivo de indivíduos, dessa maneira as desigualdades – não referindo somente aquela econômica, mas as diferenças no acesso e as condições de vida, em sua amplitude- não são exclusivas da modernidade, mas é tão antiga quanto a humanidade, porém é a partir da Revolução Industrial e posteriormente do capitalismo, que essas desigualdades foram acirradas, na qual os mais ricos oprimem e governam os mais pobres, que são obrigados a entender que segurança e liberdade custam a eles uma vida de trabalho duro.

Assim, os enclaves fortificados marcam a paisagem urbana de Montes Claros, deixando evidente as contradições e os conflitos da cidade-mercadoria, na qual tudo é um produto a ser comercializado, dentre eles, destaca-se a moradia, tendo em vista que não se vive sem ocupar um lugar, ou seja, todo cidadão precisa morar e a renda é o elemento que define nas possibilidades e condições de moradia.

Considerações Finais

Na urbanização capitalista, processos como a segregação socioespacial, são intrínsecos, tendo em vista que a cidade é materialização do urbano e construção social, esta apresenta em sua paisagem as contradições e conflitos próprios da sociedade que a construiu. Nessa direção, a cidade torna-se uma mercadoria, parcelada e comercializada, objetivando o lucro. Assim, o acesso a ela dá-se mediante o poder aquisitivo de cada indivíduo como exemplo tem-se a formação de áreas residenciais diferenciadas e segregadas. Esse panorama é observado nas grandes aglomerações urbanas e em cidades médias como Montes Claros, salvaguardando as singularidades de cada uma.

A inserção de Montes Claros na área de atuação da SUDENE é fundamental para a expansão de perímetro urbano, haja vista, que este fato favoreceu os investimentos nos diversos setores da economia, especialmente na indústria, ampliando a oferta de empregos e o dinamismo econômico, atraindo um número crescente de migrantes. O aumento no número de cidadãos provocou mudanças espaciais e sociais, como o surgimento de uma periferia e de novas centralidades, a ocupação e o uso do solo urbano no centro para atividades econômicas, provocando maior trânsito de veículos e pessoas, poluição sonora, dentro outros que atrelados ao interesse do capital, levou os ricos para áreas distantes de centro. Assim, a periferia que era ocupada pelos pobres, agora com infraestrutura e amenidade é também ocupada pelos ricos.

Neste cenário a violência, amplamente divulgada pela mídia, associa a cidade “aberta” à pobreza e esta a criminalidade, assim, os condomínios fechados são apresentados como uma forma de morar ideal e segura. Estes espaços são a materialização da segregação socioespacial e da desigualdade urbana, assim, os ricos se protegem no interior dos condomínios e negligenciam os fatores que mantem e aumentam a violência nas cidades.

A partir da realidade de Montes Claros consideramos que os condomínios fechados não são fenômenos isolados dentro da cidade, mas estão interligados a outros processos, especialmente aos econômicos; são o objeto de consumo dos ricos e o novo padrão de segregação residencial nas cidades contemporâneas, sendo sinônimo da riqueza, exclusividade, prestígio e *status* social. Representam a negação da cidade plural e do encontro, ao privilegiarem o convívio entre os iguais, pois o outro representa o perigo e a violência, criando e reforçando os estigmas socioespaciais.

Referências

AMARAL, L.. O Imaginário do Medo: violência urbana e segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, 8, jul. 2010. Disponível em: <http://www.epublicacoes_teste.uerj.br/ojs/index.php/contemporanea/article/view/694/719>. Acesso em: 30 Jul. 2017.

AMENDOLA, G. **La Ciudad Postmoderna: Magia y miedo de la Metrópolis Contemporánea**. Celeste Ediciones, Madrid: 2000.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BATISTA, R. P. **Segregação socioespacial e a Paisagem Urbana: um estudo da cidade de Montes Claros (MG)**. 2017. 124f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Estadual de Montes Claros/Montes Claros, 2017.

CASTEL, R. **A insegurança social: o que é ser protegido?**. Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

CALDEIRA, T. P do R. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e Introdução de Carlos Alberto Nunes. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

LEITE, M. E; PEREIRA, A. M. **Metamorfose do Espaço Intra-Urbano de Montes Claros**, Unimontes, 2008.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri - SP: Manole, 2005.

_____ **A Sociedade da Decepção**. Tradução de Armando Braio Ara. Barueri - SP: Manole, 2007.

LIRA, P. S. **Instâncias urbanas e violência: uma análise dialética**. 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós – Graduação em Arquitetura e Urbanismo/ Universidade Federal do Espírito Santo/Vitória, 2009.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. 3ª Ed. São Paulo, Contexto, 2001.

SPOSITO, M. E. B; GÓES, E. M. **Espaços Fechados e Cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo, UNESP, 2013.

*Recebido em 19 de abril de 2018.
Aceito em 07 de maio de 2018.*